



é perigoso  
ela avisa



é perigoso  
ela avisa

2021

aline dias e  
diego rayck (org.)

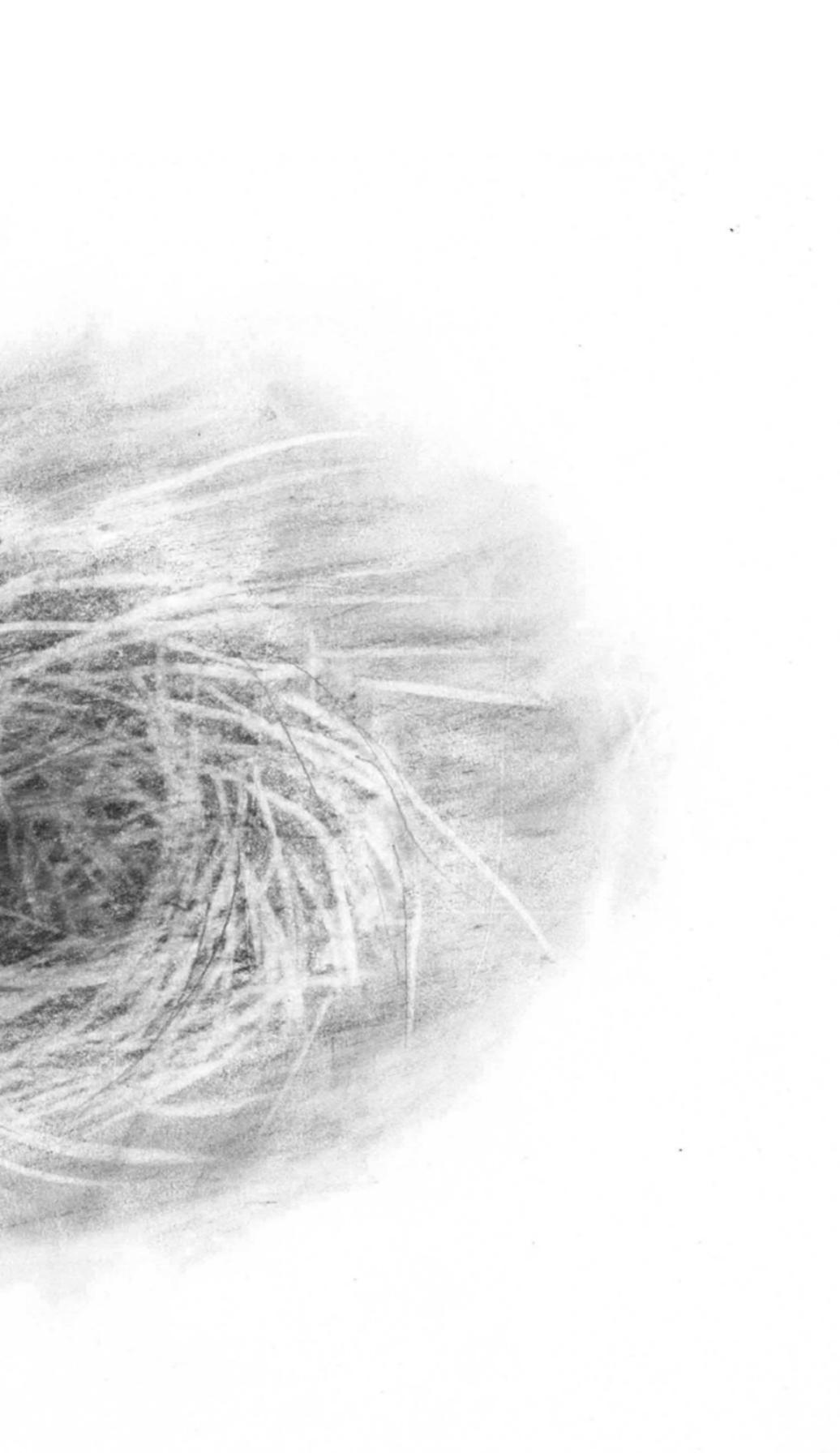
elisabete amorim  
guilherme medeiros  
heitor andrade  
jaksleine silva da penha  
jessica bastos  
jéssica sampaio  
joelmaria  
piêtra aráujo  
rafaela stein  
sulamita  
vivian siqueira  
yurie yaginuma  
elke coelho (posfácio)

ESCRITA EM ARTES

ProEx  
PROEXTORÇÃO DE EXTENSÃO

UFES  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO ESPÍRITO SANTO









## do aviso da capa ou uma apresentação

*ninguém me diga que as coisas são simples*

Esta epígrafe é uma primeira linha de Adília Lopes. É dela que vem o título deste livro, o terceiro que desenvolvemos juntos<sup>1</sup>. Deslocamos para o título estes dois versos (*é perigoso / ela avisa*) do poema de Vivian Siqueira que, por sua vez, deslocou o perigo, tomando-o como um aviso, do título do primeiro livro de poemas de Adília Lopes, intitulado *Um jogo bastante perigoso*<sup>2</sup>.

Hoje, tudo é perigoso. Tudo. E no Brasil mais ainda. Este é um lugar perigoso, vide as alarmantes estatísticas de feminicídios, crimes de ódio, assassinatos de jornalistas, mulheres, pessoas trans, povos indígenas, negros, ativistas e as mais de 600 mil pessoas que morreram em decorrência de covid-19, desde o ano passado no país. Mas, como aponta a poetisa, seria ainda mais difícil sobreviver emocionalmente, mentalmente, sem escrever. Escrever é ousado, perigoso, forma de proteger nossa integridade.

O projeto *escrita em artes*, em que o livro foi gestado, parido e costurado, envolve o desejo de ativar a escrita no contexto de processos artísticos, incluindo

---

1 Dias, Aline; Rayck, Diego (org.). *Escrita em artes*. Vitória: Edufes, 2020 e Dias, Aline; Rayck, Diego; Yaginuma, Yurie (org.). *como um tigre que ruminasse. cartas*. Vitória, Florianópolis: PROGRAD UFES; Nave, 2019.

2 *Um jogo bastante perigoso* foi publicado em 1985, em Lisboa, como 1ª edição da autora, posteriormente incluído em edições de poesia reunida como *Obra* (editora Mariposa Azual) e *Dobra* (Assírio & Alvim). No Brasil, uma primeira edição de *Um jogo bastante perigoso* foi publicada pela editora Moinhos em 2018.

as instâncias de produção, ensino e partilha. Desde 2017, nos recusamos a reduzir a produção textual à dimensão instrumental ou subserviente aos modelos que perpassam a formação e difusão acadêmica, artística e pedagógica. Nossa compreensão é de que a escrita participa (e pode participar de diferentes e potentes formas) das práticas do campo das artes visuais.

No prolongamento de projeto de ensino a projeto de extensão, em 2021, procuramos lançar nossos esporos, esticar nossos caules e/ou tentáculos, trabalhando juntos neste exercício poético. Incluindo novos participantes e os mesmos de antes – embora, inevitavelmente outros que vamos nos tornando, incessantes –, ao longo dos encontros, fizemos exercícios de observar, descrever, listar, falar, escutar, compartilhar o que lemos e escrevemos, convidar pessoas para conversar com, fazer cartas, escrever a partir de imagens, fazer imagens para textos, continuar, retomar, insistir e escrever poemas. E por que poemas? O que fazem os poemas com os trabalhos de arte? Na pandemia? O que podem fazer?

A escritora Audre Lorde conta da dificuldade de escrever em prosa, esses *blocos lineares sólidos*, e destaca o efeito das diferenças econômicas, raciais, sociais e de gênero no que produzimos: *para escrever em prosa é preciso ter uma casa própria, mas também grandes quantidades de papel, uma máquina de escrever e muito tempo*. Lorde frisa que *a poesia não é um luxo, mas uma necessidade vital de nossa existência*. Considerando seu papel na formulação de linguagem, ideia e ação, ela afirma que *é da poesia que nos valemos para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado*, acrescentando que *os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos*

*são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias*<sup>3</sup>.

Quando estamos todas exaustas e nesse estado de angústia e perplexidade que a pandemia política sanitária fez irromper em nossos modos de viver, produzir, pensar-escrever e estar em aula, a poesia nos pareceu uma possibilidade.

Sobretudo porque na poesia *o que* escrevemos e *como* escrevemos se atam, se misturam, indissociáveis e, ao mesmo tempo, mutantes. Interessou ao projeto atender às múltiplas e porosas passagens entre mundo e escrita e *escrever experimentando / descobrir algo escrevendo*, como aponta Marília Garcia, vinculando a poesia à pesquisa e ao ensaio<sup>4</sup>. Neste desafio, os verbos incluíram brigar com o texto, partir suas linhas, relatar detida e longamente, usar o vazio da página, riscar, não saber, a errância que tem sido esse perigo de estarmos vivos, juntos e nas distâncias tantas. Acho que tentamos experimentar uma outra vibração. Com as linhas quebradas, tateamos um outro ritmo para o livro, seja nas palavras poucas, seja nos longos percursos narrativos, nas conversas e pausas de imagem e texto, nos desenhos que fazem coincidir um mesmo lugar – o morro das antenas – visto de três janelas diferentes nos cadernos de Yurie, Jessica Bastos e Diego.

Buscamos com os poemas uma outra convivência com as coisas, valorizando o encontro insubstituível com nossas e outras vozes e imagens. Acho que os poemas que escrevemos se tocam, se roçam, gostam das coincidências, das mimetizações, dos contatos-contágios que conseguem encontrar e produzir nos textos (para talvez compensar a falta dos encontros

---

3 Lorde, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

4 Garcia, Marília. *O poema no tubo de ensaio*. In.: *Parque das ruínas*. São Paulo: Luna Parque, 2018.

diante das vitais regras de afastamento social que nos impusemos).

As *espécies poemas*, esses *bichos poemas*, como a Vivian descreve, insistem em uma intransferível contiguidade com a vida. Os encontros nos poemas, entre poemas com que escrevemos, lemos e vemos, incluem uma mancha no livro, uma lagartinha, fazer fogo, ensinar a fazer fogo, sentir a prisão da maritaca, lamentar, olhar os cactos e plantas pequenas, a sede, o copo vazio, alguém perto, ninguém, as perguntas, vestígios de um café, a gravidez do gato, a filha, a avó, o tio, o Grissom *que é esperto e cata insetos*, as pessoas que fazem falta, as que sentem falta, os livros de poetisas mulheres, ir até o mar, ir com o olho até o alto do morro, acompanhar os urubus, os cantos da casa, desenhar a linha de fio, buraco, madeira partida, de fala presa que não é poema sendo poema, coisa que aquece, que queima, risquinhos que fazem a mata, as marcas, os nomes nas paredes e escrevendo no ovo no pão na janela na chuva, *é a nado que o poema atravessa o corpo*, observa Yurie. E *com saudade de amanhecer*, como escreve Jéssica Sampaio, três vezes *sem medo de morrer*.

*impossível de compreender  
a língua  
que não cabe na minha boca*

a gestação do gato  
dura 58 ou 67 dias  
2 meses ou 2 meses e  
1 semana

disso aqui durou  
quase 3 meses  
ou 2 meses e 26 dias  
a gestação do bicho poema

quero gestar só se for assim  
gestar na mão e na cabeça  
gestar na página  
do livro difícil

descobri que nessa prenhez  
prefiro livros escritos por mulheres  
poemas de mulheres  
parecem que foram gerados por mim

uma gravidez coletiva  
e contínua  
no tempo

o feto mais antigo na minha estante  
tem 36 anos  
do animal poema

dividem incessantemente  
suas células  
em quem ousa  
suas páginas abrir

é perigoso  
ela avisa

a espécie poema  
se instala  
e cria a placenta  
para o embrião carregar

seu hospedeiro  
sua casa  
a fricção  
os dedos e o cuspe  
seu caminhão de mudança

mora eterno  
mas entre várias casas consegue se dividir

o bicho poema não é monogâmico

ele me pergunta  
com quem me deito  
com meu medo  
unindo os dedos  
pedindo

acima de mim  
espécies de livros  
e seus parasitas  
morando comigo  
um bioma de papel

e da gata  
abandonada  
que eu cuidava  
com ração barata

está esperando  
estava esperando

mas comeu a única  
e primeira cria

gatas comem ninhadas  
para deixar de ser mãe

fiquei horrorizada  
a mãe comeu o filho!  
mandou ele de volta para as trompas  
seu lugar é dentro de mim.

se tenho um punho em meu ventre  
e a gata um osso da sorte  
de qual tamanho é o útero  
da espécie poema?

o poema me foge  
enquanto mordo sua canela  
pedindo a todo momento  
me dá de comer

mordo  
me dá de comer  
me dá de comer

meu peito pesado  
cabeça também  
preciso comer suas palavras

para gerar mais um  
dos seus

## **uma chama**

enquanto falo  
com o computador sobre as pernas  
*etnia himbu*  
: *matriarcado*  
irene me entrega  
escrito no bilhete  
com flores e uma folha desenhados  
porque eu disse  
que não sabia  
quase nada de  
sociedades matriarcais  
enquanto falo  
com o computador sobre duas resmas de papel  
sobre a mesa  
ela traz  
uma tirinha  
do calvin que  
arruma metade da cama e argumenta que  
sem enquadrar o lado  
onde amontoou  
a bagunça parece  
um quarto arrumadinho ele diz eles acham que  
a câmera é apenas  
uma máquina insensível que grava fatos  
mas na realidade mente o tempo todo  
enquanto falo  
sobre ficção documento verdade experiência  
ela me orienta e  
em muitos sentidos  
andar rir comer  
mais legumes  
dormir mais  
falar sem

a voz da bronca  
cuidar o que  
e como falo  
que não se separam  
na poesia nem na vida  
com ela  
dentro  
fui um plural  
por alguns meses  
essa única pessoa  
me viu por dentro  
no escuro  
ou no sol da manhã  
que podia atravessar  
a pele  
esticada exposta  
em ar água  
quando podia me atrasar  
no trabalho e tomar sol  
para e com ela fiz  
sem saber como  
fazia e já fazendo  
no escuro e sem ver  
uma placenta  
com células altamente especializadas  
estar grávida  
foi um atravessamento  
radical de alteridade  
diferente de um transplante de coração  
uma lanterninha  
ilumina com cuidado  
a sala do cinema  
onde a luz é a das imagens  
ver o filme todo em uma única imagem  
como mostra sugimoto  
é não ver o filme

não lembro se foi  
lanterna mesmo  
o que disse na hora  
mas agora  
sei que não depende  
de pilha apertar deslizar  
o dedo num botão  
os trabalhos que fazemos  
sem saber como  
são chamadas  
e uma chama  
como no provérbio africano  
não perde nada  
a acender  
outra chama  
talvez sejam vagalumes  
com a sua própria luz  
intermitente incontrolável  
visível a despeito de  
uma nossa  
capacidade de dominar  
sem uma nossa  
presença exclusiva ficam  
a acender a apagar  
a sua vontade  
e em movimento  
requer estar  
atento  
requer estar  
no escuro  
como o raio requer o escuro escrevi antes  
e não como seu fundo  
minha mãe tem  
medo do escuro  
como a do guilherme que o  
chama indica

o que filmar da feira do reflexo  
da água do gato na parede  
mesmo criança  
eu sabia  
que minha mãe  
tinha medo do escuro mas o motivo  
ela só foi descobrir  
muito tempo depois  
eu sabia  
pegar as velas na gaveta no armário de fórmica  
na cozinha no escuro  
mas ficava insegura  
de não fixar bem  
a vela no prato  
com sua própria cera  
ursula le guin fala que  
nossas esperanças  
estão no escuro da terra que nutre  
como raízes  
e não na  
*luz impiedosa*  
como escreve orides fontela

uma chama  
estremece esquenta queima  
faz arder  
se extingue  
no que a provoca

quando um vagalume entra na sala  
o primeiro movimento é  
desligar a luz  
branca fria luminosidade  
não compartilhável  
não propagável  
de lâmpada

que não aquece  
nem faz outra  
chama  
precisamos do escuro  
para ver fazer imagens  
no cinema na memória na penumbra  
barroca da jaks do lado da janela na tela  
onde desenha  
as nuvens  
no céu  
no quarto  
de luz apagada  
quando escurece

\* pensando no que irene me ensina, e minha mãe, e minha avó, bill watterson, jean-luc nancy, alguns dos vídeos que guilherme fez e algo do que contou, uma frase que falei e que yurie guardou, uma fala da ursula le guin traduzida e publicada na *pandemia crítica* da n-1, um provérbio africano na epígrafe de *um defeito de cor* de ana maria gonçalves, uma frase de deleuze muitas vezes repetida, uma reflexão em voz alta sobre sugimoto, o que caetano me fez lembrar de safo, a imagem da tela da jaks nos encontros e um pouco do que partilhou comigo do seu processo de desenhar as nuvens de cariciaca, um verso de orides fontela e outras coisas lembradas e esquecidas.

## **percebi que ontem não passou**

quando deixei os copos  
vazios ao lado da cama  
teu conhecimento secreto da minha vergonha dolorida  
a promessa de que estarei na minha melhor versão  
amanhã  
se tu fosse mais esperta do que  
eu gostaria  
leria meus cadernos à mesa  
veria que mais nada tem ali  
as páginas se embranqueceram todas  
no encontro com nossos corpos  
*All the things you knew*  
*I'd written about you*  
*And so many illustrations*

rd  
Eu ni que se eu  
CORTEASSE umid  
à VORRE meu bri  
foi viria sangra

dia quando  
per sentada bem qui  
per sentado  
criança sem mãe  
crianças: aquela  
sentimento de  
ser parte de tudo  
de não ser senti  
da de mãe.

## **mancha gráfica**

na antologia que eu comprei  
da poetisa favorita  
de a. — ela disse —  
eu achei  
uma manchinha gráfica  
na página 17 que se repete  
na página 29 nas outras  
não sei, porque parei agora  
para escrever  
que a mancha gráfica  
no topo das páginas  
meio centralizada  
se vista na horizontal  
i.e., se você deitar o livro  
vai perceber que a mancha se parece  
com o que vou contar agora:  
terça-feira é dia de feira  
no brócolis que eu comprei veio intrusa  
uma pequena lagartinha preta  
com duas linhas amarelas no seu dorso  
também tinha outras manchas pretas amarelas e  
verdes  
com bastante simetria  
que não sei precisar como  
não tenho palavras para o corpo da pequena lagar-  
tinha  
e sem palavra nenhuma  
quis saber pelo menos o que ela come  
foi fácil achar na internet fotos  
da lagarta-de-couve uma  
perigosa praga  
que come as plantações  
de pequenos produtores

como a venilda que me vende  
a feira de terça  
venilda sofre  
mas não dá veneno para matar  
as lagartas-de-couve  
e uma delas  
veio parar na sacola do meu brócolis  
eu quis cuidar da pequena  
lagartinha para ver a sua  
transformação  
como minha mãe  
fazia comigo e meu irmão  
recolhíamos os galhos  
das árvores de onde elas caíam  
e colocávamos num pote  
mas não era paciente nessa época  
nem ansiosa  
então não olhava a cada hora  
o estado das lagartas  
como comecei a fazer com a  
pequena lagartinha-de-couve  
ela comeu bem nos primeiros  
dias e levantava  
suavemente a cabeça  
quando lhe borrifava água  
as bolhinhas do seu cocô  
me admiraram  
é incrível ver isso que você faz  
eu dizia à lagartinha  
depois ela começou a ficar inquieta  
e a subir a parede do pote  
então eu tive que tampá-lo com  
um plástico furadinho  
furei bastante o plástico  
eu quero que você respire bem  
eu dizia à lagartinha

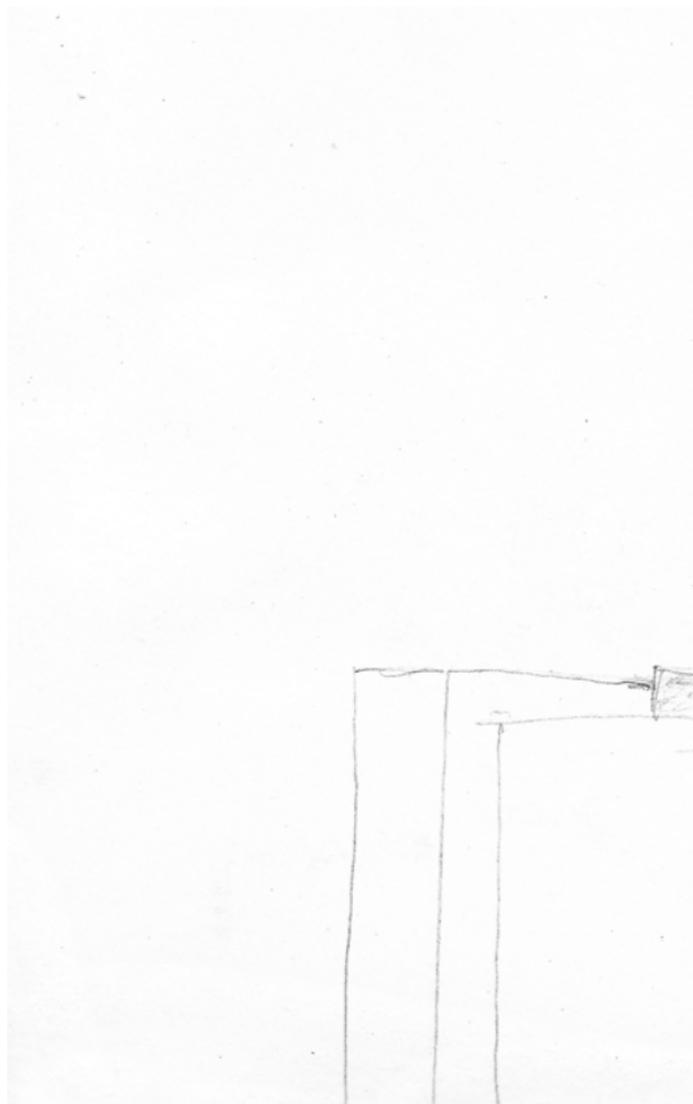
depois ela ficou um dia inteiro  
sem comer nem um cantinho  
das folhinhas de brócolis  
e a cada hora eu reposicionava  
a folhinha  
para que você não a perca de vista  
eu dizia à lagartinha  
no outro dia ela continuou sem comer  
e se posicionou em um galho  
sem querer  
eu percebi que ela invertia  
a posição da sua cabeça porque  
a cada hora eu ia lá  
e colocava a folhinha  
diante dela  
mas quando voltava  
ela estava ao contrário da folhinha  
até cheguei a ver uma vez  
o momento exato  
em que ela fazia a curva  
com seu corpinho mole e comprido  
para mudar de posição  
é verdade que não nos entendemos  
eu dizia então à lagartinha  
e foi ali que mais à noitinha  
eu vi que ela  
tinha se transformado  
mas em uma imensidão  
de larvas verde brilhante  
que a comiam pouco a pouco  
de dentro para fora  
conforme fazem mesmo as  
larvas  
parasitárias  
acabou que  
enquanto eu via

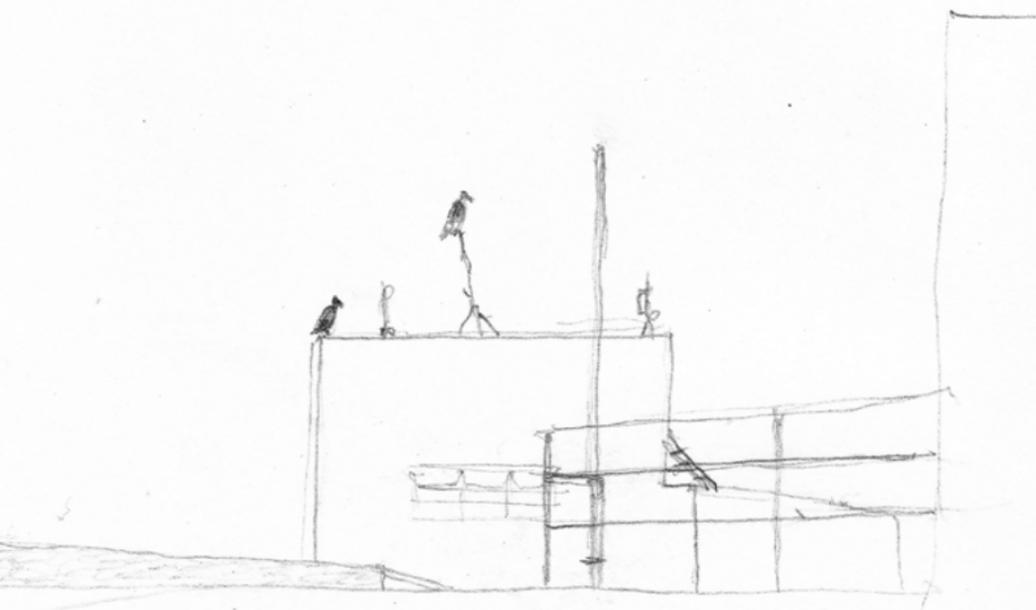
lagartinha  
o que havia era  
um número sem fim  
de ovinhos de outra  
espécie crescendo sob  
a sua pele  
e embora meu irmão  
já tivesse me contado  
das vespas, p.e.,  
que agarram outros insetos  
com suas fortes coxas traseiras  
para depositar seus ovinhos  
no interior deles  
eu mal acreditei  
na transformação que vi

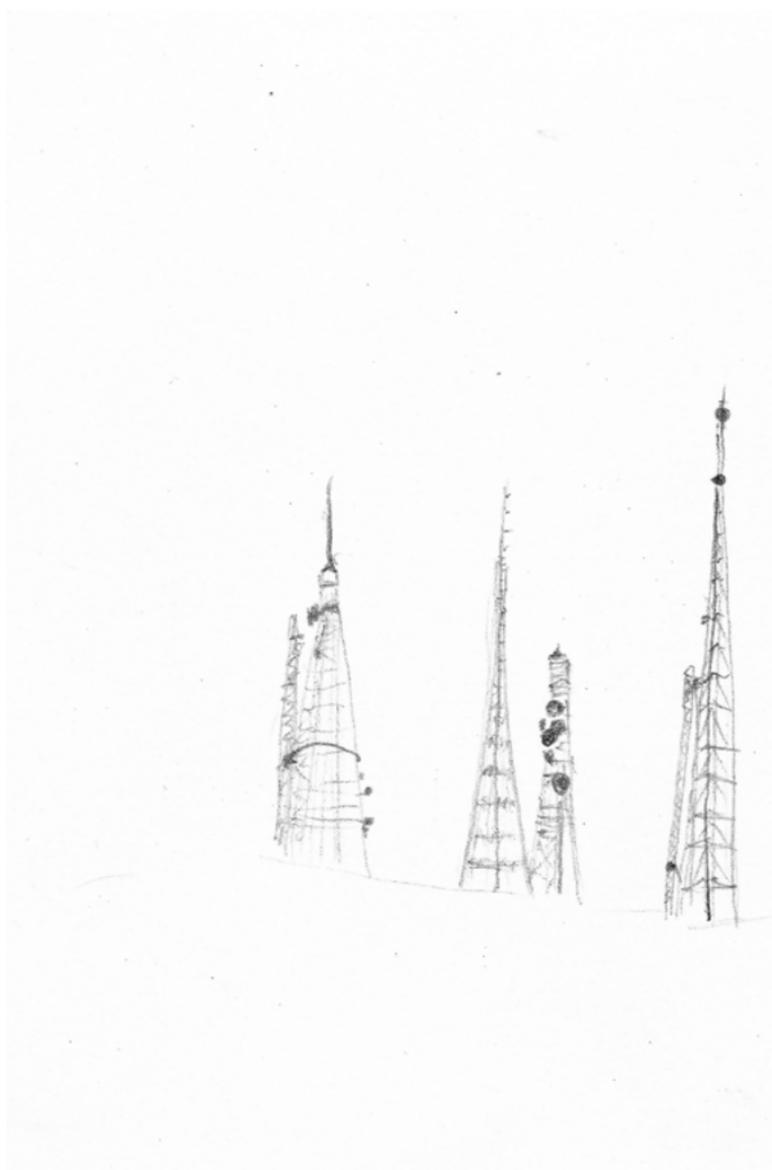
a mancha gráfica do livro da poetisa  
o que tem a ver com isso  
se ela mais parece  
um morro  
mas também lembra agora  
a minha lagartinha  
que súbito deixou sem final  
um outro poema

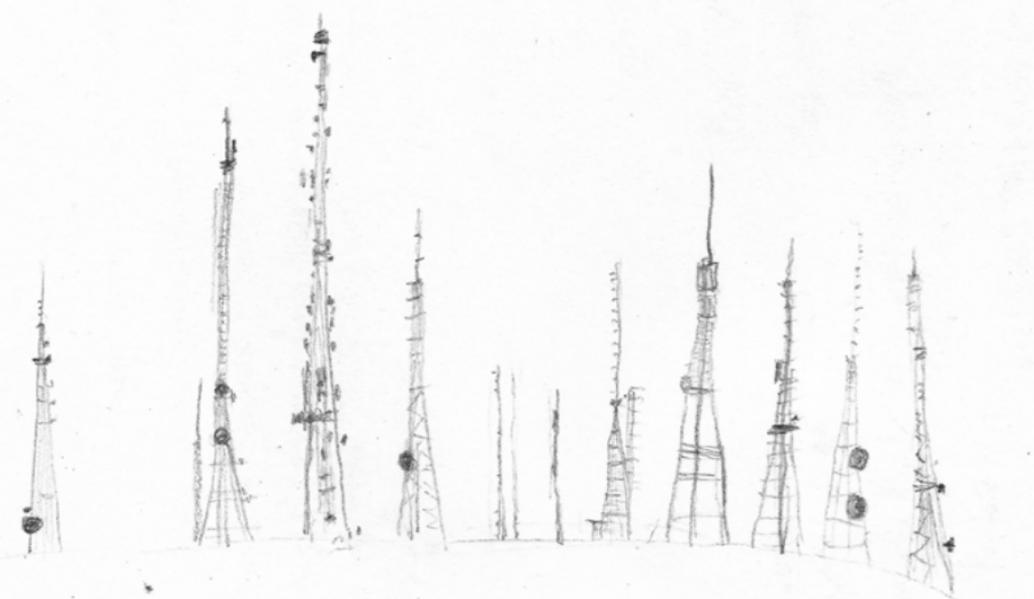












## **Ler-e-escrever**

Passa o natal.

Passa a virada do ano.

E eu passo em casa.

A tristeza me visita.

Dores de cabeça também.

Resolvo dar mais uma das minhas escapadas em direção ao mar.

Esses banhos têm sido meu principal remédio.

Um remédio natural, uma medicina da Terra.

Após um mergulho, pego um pequeno bloco de notas e escrevo:

Quem me dera todo dia fosse dia de mar

Dia de visitá-lo

Hoje precisei de sua ajuda

Acordei triste

O mar me ajuda a chorar

Chorar alivia a tensão da pandemia

O mar cura.

Levanto a cabeça e vejo um grupo de aves passando acima da água.

São aves migratórias.

Tenho acompanhado diariamente o movimento delas agora no verão.

Vejo grupos e mais grupos voando.

Sempre da direita para a esquerda.

Desenhando um grande V no céu.

Um formato aerodinâmico que favorece o voo do bando.

As aves mais fortes se revezam na posição dianteira.  
Um espetáculo-aula a céu aberto demonstrando o poder da colaboração.

Costumo ler mensagens a partir de muitas coisas que observo.

Como se o mundo fosse repleto de simbologias e inter-relações.

Na semana passada comecei a ler *O homem e seus símbolos* do psicoterapeuta Carl Jung.

Logo no início do livro ele diz que *uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa a mais do que seu significado óbvio e imediato, tendo assim um aspecto inconsciente mais amplo que nunca é precisamente definido ou completamente explicado.*

Em seguida ele fala que, *enquanto a mente explora o símbolo, é conduzida a ideias que se encontram além do alcance da razão.*

Ao olhar para essas aves, sinto uma necessidade de também me deslocar temporariamente para um outro local.

Um local com condições menos adversas do que o caos da capital fluminense.

Não sou analista, mas suponho que um dos aspectos não revelados de imediato é a saudade que tenho sentido de estar com amigos.

E acredito que a imagem dessas aves represente uma mistura disso tudo para mim.

Penso na proposta de viagem que uma amiga me fez alguns dias atrás.

Apesar de um julgamento interno me dizendo para não ir, meu corpo pede essa trégua.

Opto pela viagem.

Um movimento de resgate do meu equilíbrio físico-emocional.

Outro deslocamento aéreo que tenho acompanhado durante a pandemia é o de pessoas saltando de paraquedas na praia do pepino.

De tanto assisti-los, a vontade de saltar se manifesta.

Principalmente para vencer meu medo de altura.

Adiciono à minha lista de coisas para fazer no pós-pandemia.

Essa lista tem me ajudado a manter o otimismo.

Lembro da metáfora dos paraquedas coloridos do líder indígena Ailton Krenak.

Em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* ele nos pergunta *por que a sensação de queda dos dias atuais nos causa desconforto se nos últimos tempos não temos feito outra coisa senão despencar.*

*Cair, cair, cair.*

Em seguida usa a metáfora para tentarmos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente possa despencar usando esses artefatos construídos a partir de toda a nossa capacidade crítica e criativa.

Unindo minha vontade de saltar à metáfora, talvez uma queda dessas me faça despertar e assimilar um pouco da sabedoria do Krenak.

Brincadeira à parte, acredito que o susto e a adrenalina desencadeados pelo salto tenham o poder de causar um pequeno despertar para o momento presente.

Momento esse que seria a vida em sua forma mais potente.

Tenho tentado há anos, através da meditação, do silêncio, experimentar essa dimensão do aqui-e-agora. Mas talvez precise de algo mais forte.

Em tempos como estes, o antídoto talvez tenha que ser tão forte quanto o patógeno.

Ou uma mistura.

Pulos esporádicos de paraquedas e vacinas diárias de silêncio.

Amanhã eu viajo.

Irei para Provetá.

Um pequeno vilarejo de pescadores pouco visitado por turistas.

Resolvo criar um desafio para a viagem.

Aprender a fazer fogo sem usar fósforo ou isqueiro.

Uma tentativa de aprender uma técnica ancestral.

Um despertar um pouco diferente daquele do salto de paraquedas ou da meditação.

Mas ainda assim um despertar.

A viagem será um pouco longa.

Preciso pegar três transportes diferentes para chegar ao meu destino.

Uber, ônibus e barco.

Saio de casa irreconhecível, toda coberta, só com os olhinhos de fora.

Com a mão direita seguro um frasco grande de álcool gel.

Com a esquerda uma outra “arma” contra o coronavírus, um spray que fiz ontem composto por água e óleo essencial de melaleuca.

Uso em todos os lugares fechados por onde passo.

Algumas pessoas me olham como se eu fosse louca.

Não ligo.

Só não quero me infectar.

Ao chegar em Provetá, monto minha barraca, sento no chão para descansar e anoto num pedaço de papel o cenário ao redor:

Sombra de uma enorme amendoeira

Pés na areia

À minha frente, a uns 30 metros de distância, o mar

Uma pequena enseada com morros bem altos e florestados em suas extremidades

O sol já se pôs

O céu está colorido

Azuis, cinzas, amarelos, laranjas, rosas e brancos o compõem

Na areia, secando, uma grande rede de pesca toda esticada

Ao lado da minha barraca uma segunda amendoeira com uma ducha de água gelada e limpa acoplada a ela

Ouço o barulho das ondas quebrando e passarinhos cantando

Algumas crianças brincam na praia

Se divertem despreziosamente dando gritos e risadas.

No dia seguinte, o galo do vizinho me acorda bem cedo.

Enquanto tomo café, noto a presença de uma gaiola com uma maritaca dentro.

A maritaca parece ser bem velhinha e está bastante agitada.

Sinto que ela está tentando se comunicar.

Seus gritos parecem ser um pedido de socorro.

Aquilo me incomoda.

Desde mais nova, tenho vontade de sair andando pelo Rio soltando todos os pássaros engaiolados.

Talvez um dia faça isso.

Quem sabe numa performance?

Após o café me aproximo da gaiola e falo baixinho para a maritaca que a soltarei antes de ir embora.

A dona do acampamento acorda e se junta a nós.

Dona Zilá, uma senhora muito engraçada, uma verdadeira contadora de histórias.

Logo em seguida recebe a visita de sua amiga pescadora Luciana.

Ficamos ali jogando conversa fora.

Me sinto encantada por essas duas mulheres.

Ao me afastar delas, crio um pequeno texto sobre Luciana:

Luciana tem 55 anos e pesca desde os 11

Durante nossa conversa, eu a vejo passar de um estado tranquilo para um estado exaltado

E novamente para um estado tranquilo

Como as marés

Detecto a força e a doçura do mar naquela mulher

Ao final da conversa, ela me diz que é analfabeta

E eu respondo:

“Mas você sabe ler o mar”

Ela então me olha profundamente, me dá um sorriso lindo e tímido e fala:

“Isso é verdade”

(Silêncio)

Após escrever, lembro de uma entrevista que vi com a educadora Ana Thomaz.

Em determinado momento, ela cita um rapaz que é alfabetizado na cultura da mandioca.

Aquilo havia me chamado muito a atenção.

E agora percebo que aquela ideia estava à espreita em algum lugar do meu inconsciente, pronta para vir à tona.

Adiciono uma pequena observação ao texto da Luciana:

Há várias formas de ser alfabetizado

E nenhuma exclui as outras

Há várias formas de ler-e-escrever (n)o mundo.

Os dias passam.

De tanto ridicularizarem minha ideia de aprender a fazer fogo sem usar fósforo ou isqueiro, desisto dela.

Para não ir embora frustrada, resolvo fazer uma fogueira de forma convencional.

Chamo as crianças e os adolescentes do acampamento para me ajudarem.

Para minha surpresa, nenhum deles havia feito aquilo antes.

São seis ao todo.

Todos netos da dona Zilá.

Imediatamente se animam com a ideia.

Dou então as instruções e fico observando, sem intervir muito.

Apenas de olho para não se machucarem.

Catamos lenha e acendemos o fogo.

Proponho então uma brincadeira.

Escrever alguma intenção num pedaço de papel e jogar na fogueira.

Digo para eles que a energia do fogo nos ajuda a transmutar situações nas nossas vidas.

Uma das meninas é muito novinha e não sabe escrever.

Faz então um desenho.

Me diz que representa ela e sua família quando o vírus for embora.

Me emociono ao perceber que ela desenhou todos fazendo alguma atividade ao ar livre na cidade onde mora.

Ela então joga o papel na fogueira e começa a dançar.

Dançando ela também estava em seu desenho.

Dona Zilá e minha amiga se juntam à brincadeira.

Ficamos todos ali durante algumas horas em volta do fogo, conversando, contemplando a lua cheia e ouvindo o barulho do mar.

Não aprendo o que queria, mas experiencio momentos de leveza, alegria e acolhimento.

Acho bonito esse desdobramento da vida.

Toda essa ideia de mexer com o elemento fogo surgiu ao ler o ensaio *O fogo e o relato* do filósofo Giorgio Agamben.

Ele abre o texto com uma história da mística judaica que nos conta que *quando o fundador do hassidismo tinha uma tarefa difícil pela frente, ia a certo lugar no bosque, acendia um fogo, fazia uma prece, e o que ele queria se realizava.*

Com o passar das gerações e a conseqüente sucessão de rabinos, esse ritual teria se perdido:

*Já não sabemos acender o fogo, não somos capazes de declamar as preces, nem conhecemos o local do bosque, mas podemos narrar a história de tudo isso.*

E a narrativa seria suficiente.

Ou seja, os desejos seriam igualmente atendidos.

Agamben nos diz então que essa história poderia ser lida como uma alegoria da literatura:

*A humanidade, ao longo de sua história, afasta-se cada vez mais das fontes do mistério e perde, pouco a pouco, a lembrança daquilo que a tradição lhe ensinara sobre o fogo, o lugar e a fórmula. O que resta do mistério é a literatura.*

Dentro da tradição judaica se diz que um judeu deve estar em chamas.

Para eles a essência do fogo é a propriedade de toda alma.

E somente uma alma em chamas teria acesso aos segredos do mistério.

Somente através da manipulação mágica desse elemento é que se teria acesso à inspiração.

Porém, de acordo com Agamben, todo relato – toda literatura – é memória da perda do fogo.

E por isso ele nos pergunta:

Dá para acreditar que seria *possível satisfazer-se com um relato que perdeu a relação com o fogo?*

Não acho tarefa fácil ler Agamben.

Lembro que a leitura me causou desconforto.

Um desconforto fecundo, no final das contas.

Mas confesso que ainda estou tentando entender o texto de forma mais profunda.

E por isso prefiro não responder à pergunta.

No dia seguinte retorno ao Rio.

Madrugo para não perder o barco.

Me despeço de todos.

Não solto a maritaca como havia prometido.

Covardia diriam alguns.

Sensatez defenderiam outros.

Mas o fato é que me senti mal por não ter libertado a bichinha.









## **primeiro fecho os olhos**

escuta

estou à beira do alto  
do prédio  
como também o  
outro ator no  
alto do outro  
prédio no outro filme

daqui, vejo as linhas de metrô  
passando no inferno, pontes, pessoas  
outdoors, cafés, bares, beijos,  
carros blindados e ônibus  
escolares

me pergunto se acharia  
melhor preto e branco ou  
com cores? é como estar  
dentro e fora, ao mesmo tempo.

entro num cerco  
abro os olhos: finalmente  
estou diante das coisas  
pela primeira vez

veja

agora  
é ele  
o trapezista  
à beira do alto do prédio  
não é um anjo, não é  
berlim e os mortos

não se levantaram, ele não  
ouve bem, só vê  
com os olhos, não fala,  
gira e some e gira  
e some, com cores  
sempre

enquanto isso  
eu fico aqui perguntando  
*quantas horas são? que dia  
é hoje? o que falta para saber  
meu nome? ninguém  
vai me dizer? com quem estou  
falando aqui hoje? e afinal quem  
disse o quê? mas afinal  
quem foi o responsável? quem  
está aí? é um diálogo? quem  
está ouvindo?*

mas  
em todo caso, sim  
você também se apaixonaria  
por aquele trapezista e daria  
voltas, cambalhotas  
desejaria saber o gosto do café  
e dos cigarros, do sangue,  
das lágrimas,

fecho os olhos outra vez

de olhos fechados, vem  
o primeiro disparo da agfa, prendo  
o trapezista na foto, no sonho  
saio por aí rodando, dando  
cambalhotas, girando, quase sempre  
com cores

**je, tu, il, elle**

sentam à mesa  
passam com os dedos  
a margarina na torrada  
bebem suco de laranja e

a boca corada

pode ser a acidez  
pode ser a fragilidade da pele

todas as manhãs  
acordam  
a mesa posta  
uma variedade de frutas

suculentas

cerejas  
ao marasquino morangos  
e leite condensado pêssegos  
em calda ...

*this is just to say*

e lembro da câmara  
girando em *la chambre*  
a câmara girando  
lambendo com o olho  
a superfície anônima  
de uma rama de elementos

lembro das cebolas  
ou dos tomates  
sobre a mesa e do  
vestígio  
de um café

da manhã

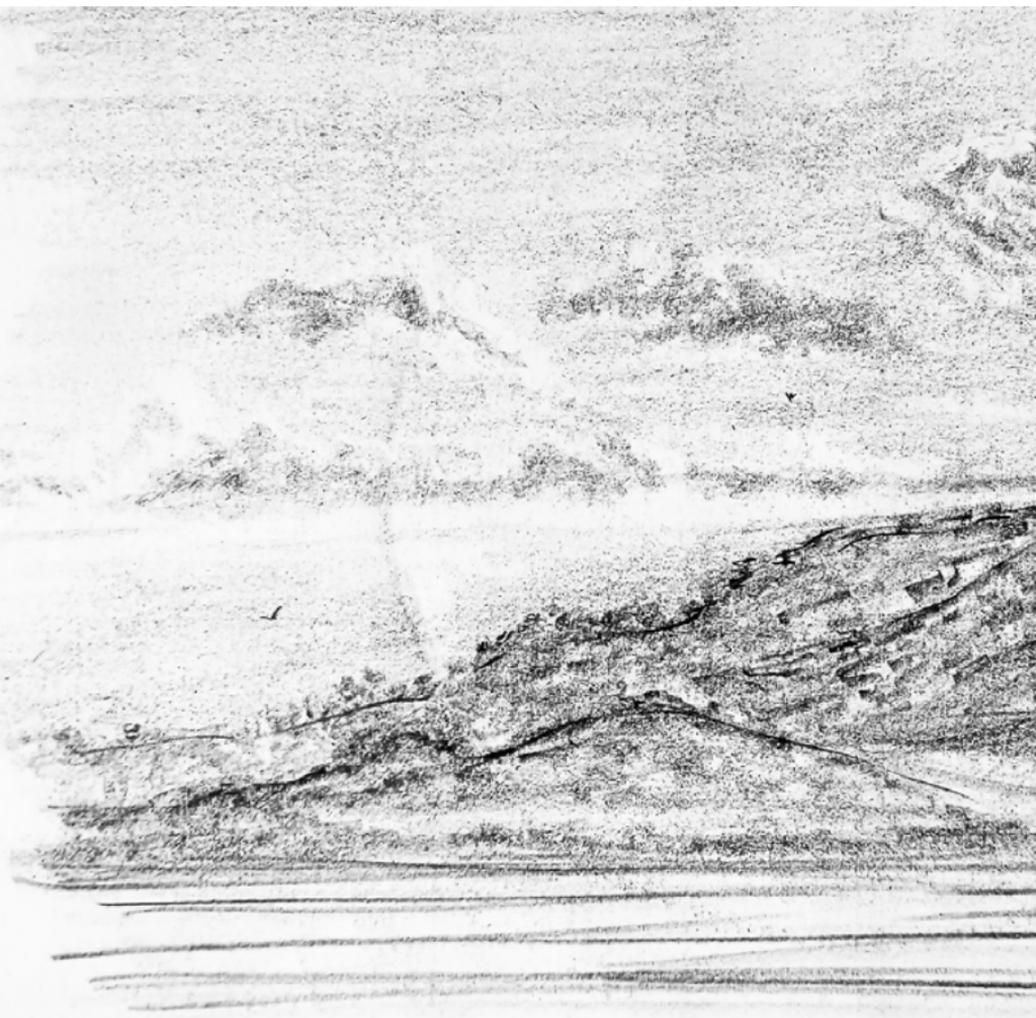
potes  
provavelmente potes  
de geleia potes  
de açúcar potes

duas xícaras  
duas garrafas  
sobre o parapeito da janela

um bule um  
copo um pires













para já

caminhando lento o caminho da volta  
o sonho se afasta de mim,  
retrocede para seu lugar de origem  
tremulante: álamo, ele me diz, e quando  
não posso mais respirar agarro com leveza  
a imagem da floresta de pando toda conectada  
pelo subterrâneo

(subcutâneas nuvens do céu de dentro)

o ar que respiramos todos humanos  
ar - condicionado e em ~~quase~~ livre queda -  
quase posso sentir o outro ser que me respira  
com a sombra invertida de planta

o sonho que sonhei hoje me esqueceu  
deu meia-volta e pude ver-lhe as costas nuas  
vergadas sobre o meu abandono  
de tudo pouco que me deixou sei dizer  
era irreconhecível e vão

O peixe sem nado: isto é, a água sem nenhuma

Eu e o peixe no aquário temos nenhuma naturalidade

João Guimarães

como o poema atravessa o corpo  
alguns dirão: a nado. então eu  
enfio minha cabeça na água em  
uma reza para talvez encontrar um  
destino como o destes cetáceos  
que um dia já tiveram um parente  
ungulado talvez com o ~~número~~ número par  
de dedos nas patas que lentamente  
- espere - muito lentamente caminhou  
até a borda da água (aqui imaginamos que  
ele parou e ficou apenas olhando com  
dificuldade porque ninguém entra sem pedir  
licença) da borda da água caminhou até  
a metade das canelas quando a umidificação  
dos ~~duros~~ seus duros cascos o amolecimento  
do seu ~~estado~~ sustento então do meio das canelas  
pouco a pouco ensejando um rastejo  
a água toca a parte horizontal de baixo  
bicho tão horizontal assim atrai ~~a água~~  
a sua barriga dura como uma mesa, pela  
marcação dos cenos, <sup>de tudo</sup> de tudo aquilo que invade  
~~invade~~ o vazio, sua barriga dura perturba  
o líquido vai querendo seu estado ~~gasoso~~  
e quando aquilo que se chama cabeça  
mergulha então não há dor além dos bululus e  
das ciriríngas: a cicatriz primordial da água  
o bicho enfim vai se acostumando  
sua pele fica mole abandona todos  
os pelos porque a nudez é o mais íntimo  
pacto com ela: a grande incólume

tudo passa o corpo irremediável  
sabe disso desde o início e de  
nada se arrepende

é a qualidade de que  
um dia saiu da água  
e tomou, e quis voltar

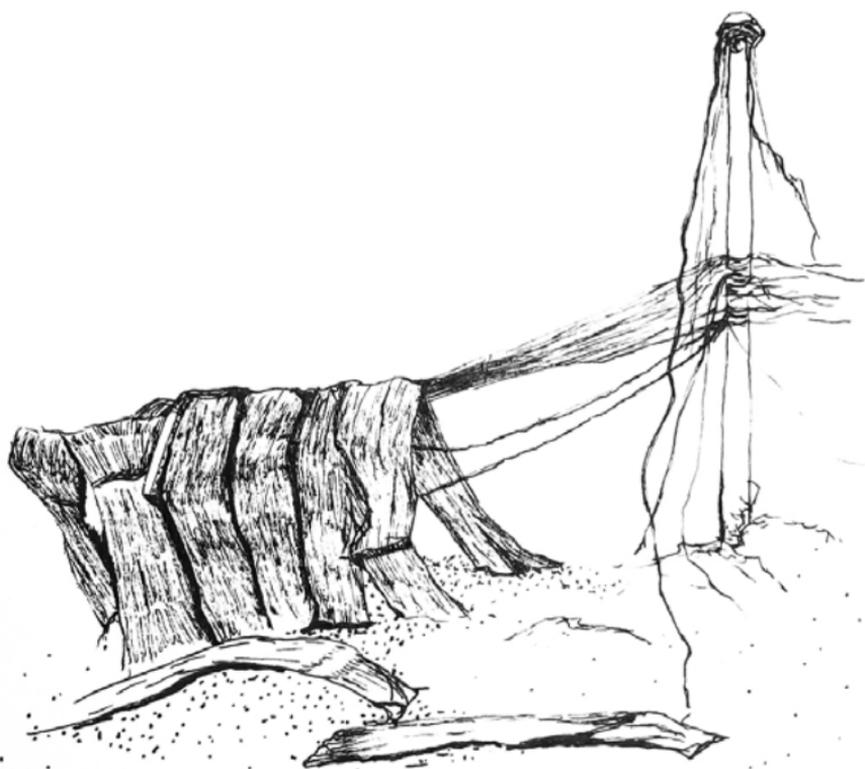
a folha e a falena (mas ninguém pode saber)

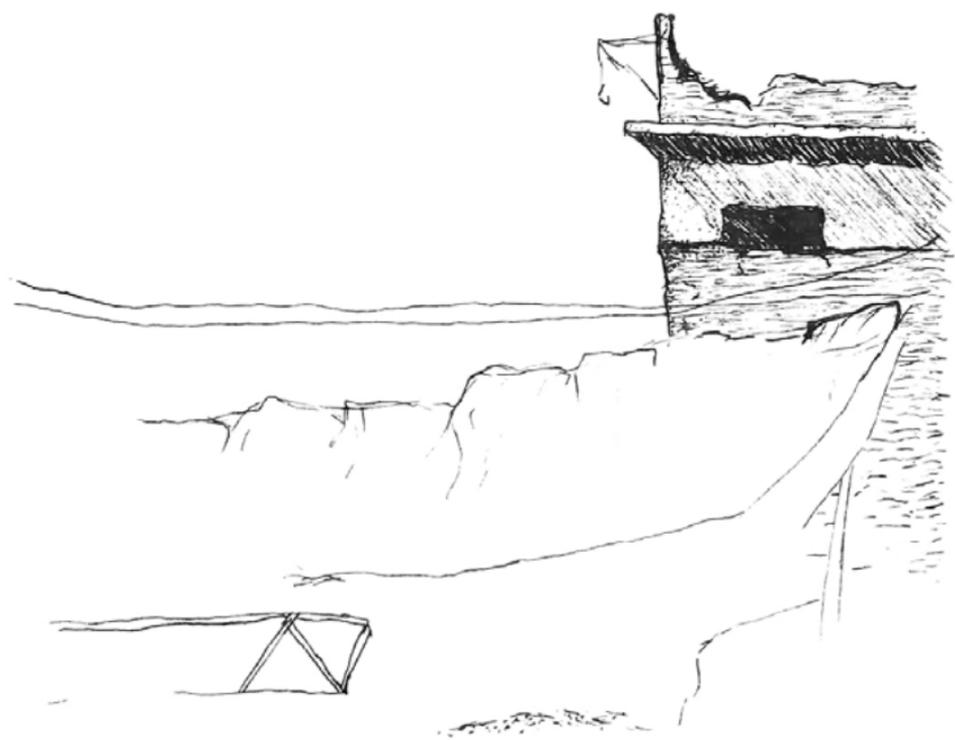
tentei em algum momento captar  
esta luz fraca e alaranjada que  
me adentrou nos primeiros muitos  
meses em que iniciávamos  
uma descoberta

descobri em si  
a sombra fresca  
que me convidava/a aproximar  
e dizia vem  
vem tocar-se  
comigo

~~ser~~iserei sombra leve/enquanto você,/ /  
apoiada,/tece esta fina capa  
com a qual se embalará;  
a disforme substância que  
~~me~~ será envolvida  
em tecido pufido  
não me dará assombro,  
nem calma;  
não me oporei à  
lenta desapareição  
da sua forma  
porque eu também,  
que pareço essa estática  
e mesma folha,  
já não posso mais a ser











entorpecente  
esse é o nome do meu poema  
era uma caixa  
de encomenda  
o corpo num presente  
de estados consequentes de miragens  
dentro da mente  
na sentença  
do tempo  
há ruína  
uma dúvida  
uma tragédia  
uma vírgula  
vários romances

esse lance de escrever  
é um bagulho  
doido  
que está aqui  
dentro  
do meu olho  
em dívida  
no lugar onde sigo  
escrevendo  
isto não é um poema  
descrevo  
uma fala  
presa que pensa  
sobre a glorificação da violência  
com muito ódio  
zangada  
por causa de uma história que não foi devidamente enterrada  
fruto de um colonial reencenado  
entre os marginais do planalto e as margens do asfalto

espancada na esplanada

nas estradas  
nas casas  
nas varandas  
nos colégios  
nas escolas  
nas praças  
nas igrejas  
nos comércios

a rua é uma doce amiga

venha  
ver  
disseram

que vives  
sob a p\* de uma kakistocracia  
que te obriga a se drogar  
todo dia é um tal de insuficiência cardíaca e renal  
é distúrbio mental  
rolê de avental  
venda de máscara  
vendaval  
coletando roupa no varal  
com saudade de carnaval  
ouvindo rádio  
tomando um chá  
de erva cidreira para acalmar  
outro de maconha para proclamar o-mal-estar  
fúria aos milicianos  
que envenenam o solo e projetam mísseis  
vida ao subúrbio  
e a toda gente  
que anda descrente

paz, justiça, liberdade  
escola e comida de qualidade  
essa é a meta  
da minha vaidade  
em verdade vos digo  
escrevo de novo  
com saudade do povo  
todo juntinho  
sem temer se perder  
mediados pela tevê  
numa mesa de bar  
uma puro malte e um pincel  
um chão pra chamar de lar  
e amanhecer  
com a vista do céu  
sem medo de morrer  
sem medo de morrer  
sem medo de morrer



## **“agite antes de beber”**

e essa agitação aqui dentro?  
águas agitadas  
“agite antes de beber”  
e eu me sorvo  
não sou sempre fácil de engolir  
me engasgo  
fico estufada  
embriagada  
passo a nado  
bóio

tromba d’água  
me afogo  
me arrebento nas pedras  
morro

quanto mais bem morrida  
mais a mãe brava me faz re-nascer  
(creio incredulamente)

tantas vezes eu quero passar sede  
um querer besta  
a água faz em mim o que quer

## **preciso rugir das profundezas**

me esgueirando nos sentidos  
eu também vivo  
mas é o esgarçar  
que me sustenta  
quando o abismo se abre

é o grito lancinante do meu medo  
que me mantém viva  
na queda livre  
e nos desertos escuros aqui dentro

preciso rugir das profundezas

Desnudo se  
He yacido de  
El viento y  
como a un p  
escrito en un

cuando una noche se  
hicieron animales.

La lluvia me llovieron  
como a un palma  
en muro.

BALANTI 1

BARISSA

TEXMAM NIGUAREGMA

MAJESDADE

ED RIO PRETO

IMAGER

## **POLÍCIA DA CALIFÓRNIA**

Nas paredes amarelas

Páginas amarelas amplas e próximas na noite

Escreve

**POLÍCIA DA CALIFÓRNIA**

Bebe e cai, bebe

Sobe o Morro dos Alagoanos, sem tempo

Espantalho, roupas e ossos, pele preta brilha russa

Mistura os sambas-enredo de 80, de 90 e dos anos

2000, a camisa é de 1997

**LARISSA**

Samba para os lados e tira o chapéu galanteando,

canta para o gato e o cachorro lambe sua cara

Sozinho e sozinho com todo mundo

Todo mundo ri

**PRISCILA**

Todo mundo ri com ele

Bate a cabeça pra funcionar, pra lembrar das coisas  
que anda esquecendo

São espirais, esse seu pensamento

O policial descobre o corpo/ Gil Grissom é esperto e

cata insetos/ a mocinha é salva/ todo mundo corre

da confusão/ todo mundo tem carrão/ todo mundo é

bonito e é salvo/ todo mundo tem mãe e é casado

Todo mundo toma meiotinhas e samba para a Novo

Império

**BALANTI 1** pra todos verem

Meu tio cai dos muros e não fala coisa com coisa

O pensamento é coisa com coisa e precisa lembrar

Escrever para lembrar, escrever é lembrar, escreve

nas paredes amarelas do cômodo mundo

**NATAACHA**

Todo mundo ri, ele é camarada

Meiotinha pra ele e pra todo mundo

Lá vem

POLÍCIA DA CALIFÓRNIA

Pelos morros dos alagoanos, escuros pela noite

Ninguém e todo mundo conhece meu tio Edi

Ele não será lembrado/ será lembrado/ não será/  
lembrado

Dá cá o copo

É DI RIO PRETO

Passa o gato

Samba mais um pouco e senta pra ver a rua

Ouve um estouro e sabe que tem que correr.





olho aberto  
corpo fechado  
uma vez minha avó me disse em segredo  
olho aberto  
corpo fechado  
é preciso cuidado  
guardar a chave, revisar a tranca  
olho aberto  
porta fechada  
janela do corpo, ela disse pra mim  
os olhos recebem a guerra e o rico jardim  
recebem desprezo, pobreza e agonia  
mas se eu quiser eles derramam a alma que contagia  
ela me disse em sussurro  
você precisa ver o mundo  
você precisa saber de tudo  
não pode deixar nada passar  
janela aberta  
corpo fechado  
não pode pestanejar  
não adianta a caverna segura, sem saber do que  
proteger

não adianta achar as paredes bonitas, sem beleza do  
mundo conhecer  
janela aberta, minha filha  
senta e veja o mundo correr  
janela aberta, minha filha  
seu espírito precisa viver

mas de coisa ruim você se protege  
tem a casa toda pra cuidar  
se o vento frio da moléstia vem chegando  
a janela é pra fechar  
faz reza, faz canto, faz banho  
acende vela, cuida do santo  
cuida de dentro, pensa no mar  
casa protegida ninguém há de entrar

o rapaz me olha na rua  
vovó me diz  
corpo fechado  
a chefe diz palavras que furam  
o ar entre sua boca e meus ouvidos  
mas lá dentro, a película está intacta  
eu ouço o que quero  
corpo fechado  
corpo fechado  
não se abre a porta pra quem não merece  
não se bate a porta de quem não conhece  
não pede pra ver se há perigo lá dentro  
protege, menina, sua cabeça, seu centro  
conserva a essência, cuide bem da sua horta  
na porta só passa quem o corpo quer e suporta  
ouça bem esse som

bateram na porta  
estava fechada  
eu que não sou besta

olhei da janela, reconheci, não presta em nada  
lembro da vovó  
Dona Mara Maria  
tão baixo dizia, eu não ouvia  
protege, menina, a sua barriga  
protege, menina, quintal, fachada, telhado, nuca e  
cozinha  
protege seu corpo  
porta não é serventia

vó, a porta tá aberta  
corre, fecha, quem abriu foi você.  
fecha  
mas e quando eu posso abrir?  
abre pra por atim  
abre pra tomar banho de rio, de água salgada, de  
folhas de até  
fecha a porta pra rua, abre só pro universo  
entra raízes, mosquitos, passarinhos  
entra água da chuva, risada de criança, pó de capim  
entra o sol da manhã e da tarde  
entra o sol do espelho da lua  
as folhas, as bênçãos, o vento do leste  
deixa entrar, deixa ficar  
e pela janela vai transbordar para rua

como bolo bem fofo  
como leite quentinho  
como cheiro de banho  
como café bem novinho  
o povo da rua passa e sente  
o povo da rua sente e quer vim ver  
a vizinha aparece na janela e te chama pro café  
você vai se quiser  
minha filha  
olha o mundo

tranca a porta  
minha filha  
você é o mundo  
está além da porta  
você pode ver, você é você  
acorda, abre a janela  
e a porta  
só fica aberta  
pra sua vida inteira passar

minha filha  
preciso ir  
vão me ouvir  
vão me punir  
não posso falar  
mas o conhecimento você vai lembrar

nossas raízes não podem matar  
não esqueça  
corpo fechado, minha filha  
não esqueça  
sua espada, seu guia  
habito sua casa  
no sangue, na sombra e no tempo  
tapete da entrada  
na abóbora, no café e no coentro  
todas que vieram antes vivem em você  
sozinha você nunca vai ser  
abra os olhos e escute  
minha filha  
preciso ir  
deixa crescer  
que cheiro bom  
vem de você  
olho aberto  
corpo fechado



... pulho  
... e a  
... de cuta  
... nos que  
... minho  
... larou  
... ficulta  
... ntes



## como se escrevessem outro poema

*alguém conheceu o mar num livro de poemas  
e quando mais tarde viu no mar as ondas se quebrando  
entendeu que era assim que os versos se quebravam*

Ana Martins Marques

O escritor Valter Hugo Mãe tinha o hábito, na infância, de colecionar palavras; ele escrevia nas últimas páginas do caderno as prediletas: *pirilampo, manhã, cristal, fogo, longe, amigo*<sup>1</sup>. Sem grandes pretensões, e de modo distinto, eu também tenho o hábito de colecionar palavras: recolho-as de romances, de poemas, de obras de arte e de músicas. Coletor-as de terrenos distintos, apenas por perceber nelas um tipo de beleza que pode residir na significação, na cadência sonora quando pronunciada, ou, ainda, no uso que fizeram dela. Quando criança, lembro de efetuar um procedimento similar, mas com pedras. Recolhia e guardava aqueles fragmentos de montanhas que, de alguma maneira, carregavam em suas existências algo que ilustrava meus afetos, gestos e/ou anseios. Recolho palavras como recolhia pedras. *Soturno, abelha, atmosfera, madrugada*: anotei ontem no caderninho, na página reservada à coleção de palavras.

Um poema pode ser entendido como *uma coleção de palavras*. Mas não é qualquer uma, pois nesta, as palavras não são estanques: *se as juntar, dizem coisas que não estavam a dizer quietas [...] mexidas para um sentido ou outro, mudam*<sup>2</sup>. A meu ver, é necessário coragem para escrever um poema, para juntar

1 Mãe, Valter Hugo. Curar a infância. In: *Contra mim*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2020. p. 52.

2 Mãe, Valter Hugo. Curar a infância. In: *Contra mim*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2020. p. 53.

palavras, transitar entre os seus possíveis sentidos e criar significações.

Aline Dias, na apresentação desta publicação, é perspicaz ao se apropriar de Adília Lopes quando esta diz: “ninguém me diga que as coisas são fáceis”. Para mim, escrever um poema parece ser algo muito difícil, intrincado e, ao mesmo tempo, delicado. Até mesmo a leitura deste tipo de texto me provoca com questões elementares, um pouco ingênuas, eu diria: como as palavras são escolhidas para um poema? Como um ritmo é determinado? Como saber o lugar exato de “quebrar” a frase e, mesmo assim, não quebrar as ideias? Suspeito que o poema exija um manejo particular com a palavra, um lidar-ofício que desconheço e que, por mais que eu leia poemas e assista a entrevistas com poetas falando a respeito dos seus processos, para mim, esse fazer ainda permanece obscuro, alquímico, absurdo.

Tenho a impressão de que na poesia o tempo é outro, a espacialidade é outra e as palavras têm outros pesos. E, sendo muito sincera, eu não sei que tempo, espaço e peso são esses, mesmo sabendo que cada poema, ou cada autor, instaura um tempo, um espaço e um peso que lhe são próprios. Com isso, eu caio em uma instância um tanto comum de pensamento: não existe receita para se fazer um poema, assim como não existe receita para se fazer nada no campo da criação.

Diferente daqueles sujeitos que se arriscam a escrever poemas – a escrita enquanto risco e a escrita de um poema enquanto risco incisivo –, deixo as palavras da minha coleção inertes. Um susto me toma quando tento colocá-las em contato: *soturnas abelhas criam atmosferas na madrugada*. Imagem criada, ponta do iceberg avistada. E agora, o que fazer com isso? Queria saber fazer algo com isso, a partir disso ou até contra isso. Reagir a isso, com palavras, é o que, para

mim, geraria um poema, ou, nas palavras de Vivian Siqueira, desencadearia *a gestação do bicho poema*. Parece que é necessário levar o “isso” adiante: insistir na constituição de imagens, costurá-las, organizá-las internamente, compartilhá-las.

O grupo *Escrita em Artes*, novamente, chegou a um lugar que admiro; dessa vez por meio de uma publicação com poemas. Cada integrante, a seu modo, juntou palavras/imagens a fim de dizer coisas que, sozinhas, as palavras ainda não diziam - falando de gato, de chama, de caderno, de pão, de planta, de lagartinha, de mar, de trapezista, de café da manhã, de nuvem, de abismo, de corpo e de muitas outras coisas que marcam a relação particular, e ao mesmo tempo coletiva, que mantemos com a vida. Nestes diversos poemas, como na maior parte dos objetos de expressão, “há as coisas que falam, as coisas sobre as quais falamos e as coisas que nos ensinam a ficar calados”<sup>1</sup> - que alimentam, por sua vez, o modo como cotidianamente existimos.

Poema, no meu parco entendimento de leitora, é algo que, por meio de mínimos e intensos movimentos, tira as coisas do lugar, ao mesmo tempo em que as coloca nos seus justos lugares. Que coisas são essas, eu ainda não sei, e acredito que o mistério que envolve essa ignorância é o que faz essas mesmas coisas se movimentarem como se escrevessem outro poema.

---

1 Texto presente na orelha do livro Marques, Ana Martins. *Risque esta palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

é perigoso  
ela avisa

- 4 *ninho*  
6 *campo de trigo*  
vivian siqueira
- 8 do aviso da capa ou uma apresentação  
aline dias
- 13 *a gestação do gato*  
vivian siqueira
- 16 *uma chama*  
aline dias
- 21 *percebi que ontem não passou*  
piêtra aráujo
- 22 *fragmentos frágeis*  
heitor andrade
- 24 *mancha gráfica*  
28 *vista da janela*  
yurie yaginuma
- 34 *ler-e-escrever*  
elisabete amorim
- 44 sem título  
rafaela stein
- 48 *primeiro fecho os olhos*  
50 *je, tu, il, elle*  
guilherme medeiros

- 52 *vista da varanda*  
jéssica bastos
- 58 *três datilografados*  
yurie yaginuma
- 61 *desenho-intriga*  
jaksleine silva da penha
- 66 *entorpecente*  
jéssica sampaio
- 69 *sem título*  
diego rayck
- 70 *“agite antes de beber”*
- 71 *preciso rugir das profundezas*  
joelmaria
- 72 *[...] fantasma [...]*  
heitor andrade
- 74 *polícia da califórnia*  
jéssica bastos
- 78 *olho aberto, corpo fechado*  
sulamita
- 82 *[...] fragmentos frágeis [...]*  
heitor andrade
- 84 *como se escrevessem outro poema*  
elke coelho

Os poemas e imagens que compõem este livro, assim como a concepção gráfica e fatura artesanal foram desenvolvidos coletivamente em 2021 por: Aline Dias e Diego Rayck (organizadores), Elisabete Amorim, Guilherme Medeiros, Heitor Andrade, Jakslaine Silva da Penha, Jessica Bastos, Jéssica Sampaio, Joelma Maria Batista de Araujo (Joelmaria), Piêtra Araújo, Rafaela Stein, Sulamita M. C. da Rocha (Sulamita), Vivian Siqueira e Yurie Yaginuma, integrantes do *escrita em artes*, e Elke Coelho, convidada para escrever o posfácio desta edição.

O projeto de extensão *escrita em artes* PROEX-UFES/2021-22 configura-se como um desdobramento dos projetos de ensino ligados à escrita em artes realizados no âmbito do Programa Institucional de Apoio Acadêmico (PIAA) da PROGRAD-UFES, de 2017 a 2020. Tem como objetivo contribuir para a produção e partilha de práticas artísticas relacionadas à escrita e sobretudo encorajadas pelo que potencializa a leitura-escrita. Nossos agradecimentos ao Pró-Reitor de Extensão, Prof. Dr. Renato Rodrigues Neto, ao Chefe do Departamento de Artes Visuais, Prof. Dr. Carlos Borges, à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elke Coelho, à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Júlia Rocha e à servidora da ProEx, Kissyla Premori Bueno, pelo apoio na viabilização desta publicação.

capa: jaks

colofão: *tamanduá-mamute*, vivian siqueira

editoração: yurie yaginuma

revisão: elisabete amorim e guilherme medeiros

encarte: *cochonilha*, jaks

É63 É perigoso ela avisa [recurso eletrônico] / Aline Dias e Diego Rayck (orgs.). – 1. ed. – Vitória : PROEX UFES, 2021.

Formato: PDF

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: [http://escritaemartes.files.wordpress.com/2021/11/ecc-](http://escritaemartes.files.wordpress.com/2021/11/ecc-81-perigoso-ela-avisa-ebook.pdf)

81-perigoso-ela-avisa-ebook.pdf

ISBN: 978-65-994935-3-9 (e-book)

1. Escritores. 2. Escrita em artes. 3. Poesia contemporânea.
4. Desenho. 5. Difusão acadêmica na área de artes visuais. 6. Publicação de artista. I. Dias, Aline. II. Rayck, Diego.

CDU: 7:37

Catalogação na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

realização:

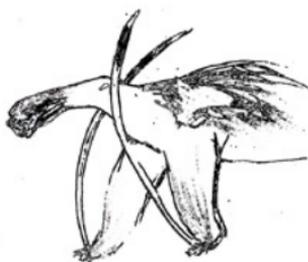
ESCRITA EM ARTES

ProEx  
PRO-REITORIA DE EXTENSÃO

UFES  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO ESPÍRITO SANTO

apoio:

hecho a mano por el  
CORPO EDITORIAL



esta publicação foi composta em rasa e lexend, impressa em papel chamequinho marfim. a capa é em papel preto 180g com imagem adesivada. os exemplares foram dobrados, costurados, refilados, adesivados e carimbados pelas mãos das/os estudantes e professores do projeto, em dezembro de 2021, depois de muitos meses sem poder olhar nos olhos e se tocar.



